

a de 3 reaes, 1 real, e esta  $\frac{1}{2}$  real, ficando o cobre por esta providencia tão depreciado que não produzisse quaesquer lucros criminosos. A ordém tambem obistou a novas emissões leaes, com que não lucraria o real erario.

Em conclusão: prova-se que a moeda de tres reaes attribuida a D. Henrique é tão falsa, que nem como ensaio monetario pôde ser admittida.

Lisboa, Junho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

### Memoria topographica da antiga Lisboa

#### Do Areeiro á Mouraria

N-*O Archeologo Português*, v, 212 a 279, publicou o meu amigo Sr. Pedro A. de Azevedo, primeiro conservador do Real Archivo da Torre do Tombo, um muito curioso estudo intitulado—*Do Areeiro á Mouraria, topographia historica de Lisboa*—e nesse interessante trabalho se identificam sitios e ruas da antiga Lisboa.

A pag. 274 diz: «*Rua de João de Outeiro*. Não sei qual era o nome primitivo d'esta rua. Num documento de 1498 (Liv. 1 da *Extremadura*, fl. 187 v) lê-se: Joham do Outeiro, morador em Bemfica».

Proponho-me apresentar alguns esclarecimentos a respeito d'esta rua, que não teve outro nome, e é insignificante actualmente, mas que adquire relativa importancia historica perante os documentos genealogicos.

Foi o meu amigo e consocio Sr. General Antonio Pimentel Maldonado quem me deu conhecimento da origem da rua de João do Outeiro, a proposito de memorias da nossa velha cidade de Lisboa; aproveitando tão boa indicação, procurarei esclarecer os estudiosos com esta noticia.

Possue o Sr. Pimentel Maldonado um *Nobiliario* manuscrito, antigo, composto por Diogo Sutil, clérigo, genealogista desconhecido dos bibliographos; no volume em *Titulo de Costas* descreve a seguinte genealogia, que confrontada com a descrita no *Nobiliario e genealogia de algumas familias de Portugal*... por Diogo Rangel de Macedo, codice n.º 368 dos Manuscritos, Collecção Pombalina, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, manifesta algumas variantes, que aproveitámos.

Em *Titulo de Costas* se acha:

1—Martim Rodrigues de Lemos, que dizem ser natural de S. Vicente da Beira, e que tivera a commenda da dita villa, e o senhorio

do logar de Ninho de Açor. Ignora-se a ascendência. Viveu em tempo dos reis D. Affonso V e D. João II. Os descendentes tomaram o appellido de Costa, porque Martim Rodrigues de Lemos casou com Isabel Gonçalves da Costa, filha de Alvaro da Costa, senhor de Ninho de Açor, e teve filhos:

2—Alvaro da Costa.  
Mecia Rodrigues de Lemos, ou Costa.  
Andreza Rodrigues da Costa.

2—Alvaro da Costa foi criado de el-rei D. Manoel e seu moço do guarda-roupa, e conseguiu tanto o agrado do rei, que lhe confiou negocios de grande consideração, que executou muito á vontade do rei, pelo que o honrou muito, e o nomeou seu Armeiro-mór. Em 1517 o rei o mandou por seu embaixador á côrte de Carlos V para ajustar o terceiro casamento de el-rei com a princesa D. Leonor, irmã do imperador. Tambem tratou do ajuste do casamento da infanta D. Brites, filha do mesmo rei, com o duque de Saboia, e pelos muitos serviços lhe fez a mercê do titulo de *Dom*, o habito de Christo e a commenda de S. Vicente da Beira na ordem de Avis. Foi vedor da casa da rainha D. Leonor, e algum tempo camareiro-mor, e foi o primeiro provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa. Falleceu em Evora, e foi sepultado na capella-mor do mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso.

Foi casado com D. Brites de Paiva, filha de Gil Eannes de Magalhães o Cavalheiro, e esta D. Brites foi a primeira ama de leite do principe D. João, depois o III, e substituida, a pedido de seu marido D. Alvaro da Costa, por sua cunhada Filippa de Abreu, mulher de seu irmão Bartholomeu de Paiva; e teve filhos:

3—D. Gil Eannes da Costa.

D. Duarte da Costa.

D. Manoel da Costa.

D. Isabel da Costa.

D. Antonia (ou Anna) da Costa.

3—D. Gil Eannes (ou Annes) da Costa, filho de D. Alvaro da Costa, foi pagem da campãinha de el-rei D. Manoel. Foi mui accete a el-rei D. João III, que o nomeou embaixador ao imperador Carlos V, e com elle assistiu cinco annos em Allemanha, que foi o tempo que durou a guerra da Liga, dõnde passou a Roma, e alli tratou grandes negocios com o papa Paulo III. Chegando ao reino, o fez D. João III vedor da princesa D. Joanna, sua nora, mãe do rei D. Sebastião, e pelo fallecimento de D. João III passou a Castella para tratar com

o imperador Carlos V, por parte da rainha viuva D. Catharina, varios negocios sobre a regência e successão d'este reino, e na primeira audiencia, mandando o imperador que se cobrisse, respondeu, que não era embaixador, e só enviado; então o imperador lhe disse: «cobri-vos, que para mim sois mais que embaixador». Voltou ao reino, e a rainha regente D. Catharina o nomeou vedor da Fazenda, do Conselho de Estado, commendador da Casa da India na Ordem de Christó, e presidente do Senado de Lisboa; por idoso deixou todos os empregos, e se retirou para a sua quinta de Pernes. Foi grande edificador, fez em Lisboa as casas na rua de D. Gil Eannes, que d'elle tomou o nome; e em Santarem reedificou as casas que são do morgado, fez a quinta de Pernes, outra em Nossa Senhora dos Oliveaes, e a da Povoa de D. Martinho, mandou fazer no convento de S. Francisco de Lisboa uma capella para jazigo de sua primeira mulher D. Maria do Outeiro, e para seu jazigo tomou a capella-mor do mosteiro de Almoster, que reedificou, dotou, e ornou nobremente, onde jaz.

D. Gil Eannes da Costa casou duas vezes, a primeira com D. Maria do Outeiro, e a segunda com D. Joanna da Silva, filha de D. Filippe de Sousa Lobo.

D. Maria do Outeiro era filha de João do Outeiro, um homem honrado da ilha de S. Miguel, e de Catharina Gomes Raposa, mulher nobre, que tinha sido antes casada com Rui Vaz Gajo.

Este Rui Vaz Gajo era natural de Beja, e foi criado do infante D. Fernando, filho de el-rei D. Manoel, e passando á dita Ilha de S. Miguel, alli adquiriu fortuna e muita fazenda, que rendia mil e trezentos moios de trigo, e do seu casamento com Catharina Gomes Raposa houve uma filha D. Mecia Raposa, que casou com Affonso de Atougua, e levou em dote uns mil moios de renda.

Ficando viuva Catharina Gomes Raposa tornou a casar com João do Outeiro, que era criado feitor de sua casa, e teve por filha, herdeira d'este segundo matrimonio, a D. Maria do Outeiro, a qual primeiramente esteve desposada com Jorge Nunes da Camara, irmão do primeiro Conde de Villa Franca, e segunda vez a casou seu pae, João do Outeiro, que já neste tempo vivia em Lisboa na rua do seu nome, junto a Santo Antão o velho, com D. Gil Eannes da Costa, e dotada em quatro centos moios de renda.

Aqui temos João do Outeiro, honrado criado-feitor, e depois, pelo casamento, meeiro de uma casa rica da Ilha de S. Miguel, residindo em Lisboa, e dando o seu nome a uma rua, e pelos dois casamentos de sua filha aparentado com as casas nobres do Armeiro-mor, e do Conde de Villa Franca.

Santo Antão o velho é o actual edificio do Colleginho, e era assim designado para se distinguir do convento e igreja dos jesuitas sob a invocação de Santo Antão (o novo), que é o edificio onde está o Hospital Real de S. José. Da igreja, que não chegou a concluir-se das obras depois do terremoto do 1.º de novembro de 1755, foram empregadas as cantarias com bellos lavores e o retabulo da capella-mor em magnificos marmores esculpidos para a construcção da actual capella-mor da igreja incompleta da freguesia de S. José no largo da Annunciada.

A rua de João do Outeiro encontra-se mencionada na *Estatistica de Lisboa 1552*, codice B-11-10, da Bibliotheca Nacional de Lisboa, manuscrito importante para a historia de Lisboa, o qual depois de tratar das «grandesas da cidade» aponta algumas ruas, que eram «quatro centas antre grandes e pequenas», e a fl. 103 v: «A rua de João do Outeiro».

Encontra-se tambem mencionada nas seguintes obras impressas: *Summario em que brevemente se contem algumas cousas... que ha na cidade de Lisboa*, por Christovam Rodrigues de Oliveira, primeira edição 1551, fl. 4, segunda edição 1755, pag. 8, descrita na freguesia de Santa Justa; na *Corografia Portuguesa*, do P.º Antonio Carvalho da Costa, tomo III, 1712, pag. 409, e no *Mappa de Portugal* pelo P.º João Baptista de Castro, primeira edição 1758, pag. 732, e terceira edição, 1870, pag. 259, incluída na freguesia de Nossa Senhora do Socorro, que tinha sido desmembrada da de Santa Justa pelo arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, e collocada na capella de S. Sebastião dos Artilheiros, á Mouraria.

Daremos tambem algumas referencias da citada rua de D. Gil Eannes, anterior ao terremoto de 1755, a qual era na freguesia da Magdalena, situada abaixo do largo da igreja, parallelá ás antigas ruas das Carneçarias e Padaria, e quasi parallelá á actual da Padaria, e cortando transversalmente a actual rua da Magdalena e o angulo leste e sul do quarteirão de predios edificados presentemente entre ás ruas da Magdalena e da Princesa, de S. Julião e de El-rei, como se verifica na *Planta d-A Judiaria Velha*, que acompanha o bem trabalhado artigo historico-descritivo publicado pelo Sr. Augusto Vieira da Silva n-*O Archeologo Português*, v, 305 a 326, extrahido da sua obra *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*; porém denominada, por corrupção certamente, rua de D. Julianes, e assim a achamos descrita na *Corografia Portuguesa*, tomo III, 1712, pag. 452, e no *Tombo da*

*cidade de Lisboa*, copia de José Valentim de Freitas, na Bibliotheca Nacional de Lisboa; mas o *Mappa de Portugal*, primeira edição 1758, pag. 597, e terceira edição 1870, pag. 216, na freguesia da Magdalena, nota a rua de D. Gil e Annes.

A *Estatística de Lisboa 1552*, ms. cit., em nota de 1620, a fl. 104 v, aponta «a Rua de donjulienes».

O Sr. Visconde de Castilho, literato e archeologo, na sua muito interessante obra *A Ribeira de Lisboa*, a pagg. 500 e 545, dá-nos referencias de D. Gil Eannes da Costa, e o Sr. Eduardo Freire de Oliveira, archivista da Camara Municipal, nos seus *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, tomo III, pagg. 162 a 172, publica o «Assento de vereação de 1 de março de 1625» e a «Diligencia que se fez nos muros desta cidade, e casas junto a elles, para defenção da ditto cidade, sendo prezente Nuno de Mendonça, Gonçalo Pires Carvalho, João de Frias de Selazar e os arquitetos de Sua Magestade», na qual se encontra «Nas Portas do Mar, pella parte de fora, se porão portas, e no arco de dentro se reformarão outras de nouo, e se tapara o chafaris da Preguiça e o postigo de Dom Gil Eanes, pella parte de fora...». Sabe-se portanto, que, alem da rua denominada de D. Gil Eannes, havia tambem na muralha antiga da cidade um postigo com o mesmo nome e proximo da referida rua.

JOSÉ JOAQUIM D'ASCENSÃO VALDEZ.

### Cidade velha de Santa Luzia

O Sr. Conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris teve a amabilidade de me convidar para eu fazer uma visita ás ruínas da cidade velha de Santa Luzia, sobranceiras a Vianna do Castello, e de me pedir a minha humilde opinião sobre a maneira de se conservarem. Correspondendo ao honroso convite, visitei as ruínas no dia 6 de Agosto de 1902, em companhia do mesmo senhor, e do estudioso archeologo bracarense, o Sr. Albano Bellino.

As ruínas são conhecidas ha muito na litteratura archeologica: vide por exemplo *Boletim dos Archeologos do Carmo*, II, 26 e II, 52; *O Archeologo Português*, v, 2. No referido *Boletim*, 1879, p. 158, reuniu o Sr. Dr. Figueiredo da Guerra a tal respeito muitas noticias bibliographicas, contidas em obras antigas, umas impressas, outras manuscritas. O mesmo diligente investigador falla das ruínas no seu livro intitulado *Vianna do Castello*.